



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

SENHORA LEONE

Autor(es)

LEONARDO SIVIOTTI DE ALCANTARA

Contos / Crônicas

Pseudônimo do Autor: Castel

Senhora Leone

Meio-dia em ponto. O sinal tocou, difundindo a saborosa informação de que a última aula da sexta-feira chegara ao fim. Os estudantes abandonavam a sala de aula com pressa. Uns se empurrando, outros abraçados. Alguns primeiro empurravam para depois abraçar, numa típica manobra adolescente. Um deles, no entanto, passava despercebido. Como um fantasma, desfilava no meio dos agitadores sem ser tocado, provocado ou incluído nas brincadeiras. Teria saído da sala em poucos segundos, mas ouviu a voz da professora no meio da algazarra. Chamava por ele.

A primeira coisa que passou em sua cabeça é que ela tiraria satisfação pelas seguidas olhadas para as suas pernas durante a aula. Pensara ter sido discreto em suas miradas. A culpa era do vestido, que expunha as panturrilhas toda vez que ela se voltava para o quadro negro.

Sentiu-se ridículo por culpar uma peça de roupa por sua atitude. Aproximou-se medrosamente, caminhando devagar. Disposto a ficar calado não importasse o tamanho da bronca. Se havia algum professor naquele colégio que não queria decepcionar era aquela mulher.

— Comecei a corrigir as redações sobre as férias ontem à noite — ela disse. — Após uma dúzia delas peguei a sua, Eduardo. Levei um baita susto.

Havia ternura em sua voz. Ainda que viesse dali uma provável advertência, ecoaria suave, sem machucar o interlocutor. Seus óculos redondos — semelhantes a olhos de coruja —, em conjunto com as bochechas arredondadas, contribuía para sua imagem meiga. O garoto já se acalmara só por olhar sua face e descobrir o tema da conversa. Não estava nem aí para a maldita redação, mas aliviado por não ser chamado de tarado por sua professora favorita.

— Lembra o que escreveu nela?

— Sim — ele respondeu, sem pestanejar.

Entretanto, recordava parcialmente. Redigira o texto com muito sono, lutando para manter-se acordado no primeiro dia de aula após as férias.

— Pedi que escrevesse sobre as coisas mais legais que aconteçam nas suas férias. E o que você fez?

— Escrevi sobre um filme maneiro que assisti.

— E o que mais?

O aluno abriu os braços, sinalizando dúvida. A professora calmamente pegou uma pasta de papelão e a pôs sobre a mesa. Retirou de dentro dela três sacos plásticos, cada um deles contendo uma série de papéis. A redação de Eduardo era a primeira de um dos sacos. Diferentemente das outras, não fora corrigida. A mulher começou a analisá-la:

— No penúltimo parágrafo você chama os outros alunos de ignorantes porque nenhum deles se interessou em discutir o filme contigo. No último, escreve diretamente para mim. Diz que sou uma mulher culta, de bom gosto e que vou me interessar pelo filme caso ainda não o conheça.

O garoto sorriu, balançando a cabeça positivamente. Num misto de descoberta e afirmação do texto de sua própria autoria.

— Isso estragou a redação, Eduardo.

Tirou o sorriso do rosto. Por um segundo achara que a mulher iria elogiá-lo. Ou agradeceria por suas palavras. Foram sinceras.

Queria explicar que pensava mesmo aquilo sobre ela, mas a professora recomeçou a falar:

— E essas duas observações após o texto? Não posso permitir isso aqui. Você deveria se restringir a escrever sobre o tema que lhe pedem. Nem sei se o que escreveu foi sério ou uma brincadeira.

— Foi...

— Não quero saber! — interrompeu a mulher. — Entende que não quero prejudicá-lo? Gosto de você. É um dos meus alunos mais criativos, mesmo passando a aula inteiro calado. Vai reescrever essa redação. Não quero que mude nada. Apenas corte.

Pegou a folha de papel e a rasgou com as mãos, retirando exatamente do penúltimo parágrafo em diante. Amassou a parte extraída e a jogou na lixeira. Estendeu o restante da folha para o aluno.

— Passe isso a limpo e me entregue na segunda-feira, quando trarei todas as redações corrigidas.

Eduardo obedeceu. Enquanto guardava em sua mochila a parte não extirpada de sua redação, passava e repassava em sua cabeça, tomado por empolgação, aquela voz agradável dizendo-lhe “Gosto de você. É um dos meus alunos mais criativos. Gosto de você. Gosto de você!”.

— Outra coisa que me incomodou é que em todas as vezes que se refere a mim no texto me chama de senhora. Por quê? Acha que sou velha? — questionou a mulher, interrompendo a si mesma na confusa percepção do garoto.

— Claro que não! É um sinal de respeito. Como chamar uma rainha de “Vossa Majestade” — justificou-se Eduardo.

— Pois então, pare. Tenho trinta e dois anos. Não sou casada. Estou longe de ser uma senhora.

— Desculpe. Não fiz por mal.

— Eu sei. É que certas palavras envelhecem uma mulher.

— Mas a senhora é tão jovem.

— É isso que estou falando: “senhora” e “jovem” na mesma frase não combinam.

— Que tal “senhorita”?

— Basta usar o meu nome, Eduardo.

— Senhorita Carla?

— Só Carla.

— E como farei numa próxima redação quando estiver escrevendo para a senhora? Uso o “senhorita”?

— Não deve me mencionar nas redações. É exatamente por isso que pedi a retirada dos parágrafos finais. Escreva sobre o tema, mas não diretamente para mim ou qualquer outro professor que o tenha pedido. Escreva para o leitor. Não para mim.

— Mas você é a única leitora da redação.

— Apenas faça o que estou pedindo, Eduardo.

— Sim, senhora.

Sentado num dos bancos traseiros do ônibus com a janela aberta e vento na cara, Eduardo organizava todas as informações recebidas naquela breve conversa após a aula. Orgulhava-se de sua perspicácia. De sua capacidade de não enxergar somente o óbvio. Outro aluno não suspeitaria. A esmagadora maioria entenderia como uma simples orientação de um professor e nada mais. Mas não ele. Já mergulhava em hipóteses e teorias. Examinava as pistas e recusava-se a não enxergar as segundas intenções. A mais evidente de todas: a anunciada troca de “Senhora” por “Senhorita”.

A mensagem era óbvia, ao menos em sua cabeça: “Sou uma mulher jovem, Eduardo. Uma senhorita solteira. Muito solteira. Porque espero encontrar o homem perfeito para mim. E acho que esse homem pode ser... você! Sou uma senhorita e enquanto não casar — contigo? — me recusarei a ser chamada de senhora. Faça de mim a sua senhora, Eduardo. Quero ser a Senhora Leone!”

Por que ela o deixara reescrever a redação em casa? Quem mais tivera semelhante privilégio? Bem, não sabia ao certo. Talvez muitos. Mas preferiu imaginar que era o único com tais benefícios. Afinal “Gosto de você. É um dos meus alunos mais criativos, mesmo passando a aula inteiro calado.”.

Descobria finalmente as vantagens do silêncio e de como ele o deixava atraente para as mulheres de verdade. As adolescentes chatas e mimadas podiam ficar com os caras exibidos e tagarelas da sua idade. Tinha uma meta mais ambiciosa; um alvo angelical, inteligente e com lindas panturrilhas.

Sua mente borbulhava. Suas mãos, inquietas, esfregavam-se a todo instante, como um vilão de desenho animado que contempla seu plano aparentemente perfeito. O sorriso não se desfazia por nada. Viajando para algum lugar bem longe daquele veículo barulhento que a todo o momento o fazia sacudir, quase deixou de saltar no ponto correto.

Deixou o ônibus saltitante. Bailou em torno do primeiro poste que encontrou pela frente. Chutou uma pedra sem se importar com a direção tomada por ela. Atravessou a rua. Aproximou-se de um cachorro abandonado que sempre ficava por ali. Apontou para o animal com a mão esquerda. Cerrou o punho direito e o bateu três vezes contra o peito.

— Sou foda, moleque! — vibrou.

O cão o olhou com indiferença. Eduardo continuou a marcha gloriosa até a sua residência, onde encontrou sobre a mesa dinheiro e um bilhete de sua mãe. Contrariando a instrução contida nele, guardou na mochila a verba para a compra do almoço. Descascou uma banana e a comeu apressadamente.

Ainda vestia o uniforme escolar quando se sentou à mesa e começou a reescrever a redação, controlando-se para não incluir nenhum novo recado à sua única leitora. Obediente, limitou-se a copiar o que escrevera anteriormente. Não porque fora um pedido de sua professora, mas porque assim desejava sua futura senhora.

